

ATENÇÃO: HOMENS CONVERSANDO!

André Sidnei Musskopf
Edmilson Schinelo

Pode parecer curioso que alguém se depare com um grupo de homens conversando justamente aqui. Que tema poderia interessar a esses homens que o fizesse interessante para compartilhar nesse espaço? Ademais, os homens andaram conversando e divagando muito pelas revistas e livros por aí afora. Mais curioso ainda poderia ser que esses homens compartilhassem essa conversa, expondo-se à análise e escrutínio de muitas mulheres e, pior ainda, de outros homens. Não, não. Estes homens não estão conversando sobre futebol, mulheres, carros e política. Mas também poderiam. Talvez o importante não seja o tema, mas como se olha para ele. A verdade é que estes homens que você vai encontrar aqui estão falando sobre Bíblia, sobre masculinidade, e sobre como estes dois assuntos se misturam. Eles estão se desafiando e desafiando todos e todas que aceitarem o convite para entrar nesta conversa. Pensar e repensar como os homens lêem a Bíblia quando também estão envolvidos na discussão da sua identidade masculina.

O diálogo que transcrevemos abaixo, praticamente sem cortes e sem preocupações com as questões teóricas em torno da temática, é fruto de um bate-papo informal. Parece, entretanto, que muitas questões perpassaram as falas, ainda que de forma mais ou menos tímida. Quando nos reunimos não tínhamos, de antemão, escolhido um texto. O ponto de partida acabou sendo o texto de *João 21*. Mas vamos deixar de papo furado e entrar logo nessa conversa.

Os homens que não têm nome

- Não é que tem 7 pessoas indo pescar!
- Pescar é a coisa que eu mais gosto de fazer.
- Mas só tem cinco nomes. Tem duas pessoas nesse texto sem nome.
- Algumas pessoas acham que podem ser mulheres. Pelo menos uma delas acredita-se que seja Maria Madalena.
- É, seria até natural, pois as mulheres muitas vezes aparecem sem nome. Ou então, como mulher de, filha de, sogra de... Mas, e se forem dois homens? Porque não colocaram os nomes deles? Será que não eram muito importantes dentro deste grupo?
- Na lógica de João, um provavelmente é o Discípulo Amado; a outra pessoa poderia ser mesmo Maria Madalena, a grande protagonista neste evangelho. Outra coisa: por que sete e não doze?

- Eu acho que não era mulher, não. Se tivesse mulher ali, não teria só peixe e pão, mas uma saladinha também. Ao longo da história o homem desenvolveu uma habilidade espacial maior. Por isso, é ele quem vai caçar, buscar o alimento.
- É, mas ele vai com a segurança de que, quando voltar da caçada, mesmo que não tenha conseguido nada, a mulher preparou o pão. Na verdade, é ela quem dá segurança para ele.
- Mas depois o texto diz que Pedro estava pelado no barco. E se ele estava pelado, provavelmente, não tinha mulher no barco (mas sobre isso ainda temos muito que falar).
- Eu também acho que tinha mais gente lá na praia, porque já tinha peixe no fogo e Jesus pede para trazer mais.

As roupas e nossos corpos

- Sempre me intrigou essa coisa de que o Pedro estava “peladão”.
- Mas afinal, por que Pedro estava sem roupa? Eu nunca pesquei, então não sei, tem a ver com isso?
- É que quando se pesca com rede, alguém precisa entrar na água para segurar a rede embaixo para que os peixes não saiam da rede.
- Há poucos dias eu fui pescar com meu pai e ele sempre leva um calção junto para trocar quando vai entrar na água. Aí ele tira, fica nu e troca. Depois ele tira de novo essa roupa e coloca a outra, para não ficar molhado.
- Mas o que me impressiona é que Pedro estava lá pescando e se joga tão afoito no mar para ir em direção a Jesus e, mesmo assim, se lembra de colocar a roupa.
- Pois é, eu vi uma reportagem sobre as vítimas do *tsunami* na Ásia e tinha uma mulher que estava nua. Ela nadou, se salvou, e só bem mais tarde, quando ela já estava no abrigo e uma outra mulher trouxe uma roupa, foi que se deu conta de que estava nua.
- Mas, na verdade, acho que é meio um sinal de respeito. Quando a gente está em casa, por exemplo, sem camisa, e chega alguém, a gente coloca uma camisa, até se lava, para receber a pessoa.
- Acho que ficar nu, sem camisa, também depende da confiança e da intimidade que se tem com as pessoas.
- Mas para nós homens é difícil ficar nu na frente de outros homens.
- Sim, tem essa coisa de vestiário, por exemplo. Eu sempre me sentia muito mal e constrangido com essa situação, porque eu sempre achava que o meu pinto era menor que o dos outros e achava que todo mundo ia ver.

- É que ali, no barco, é o mundo fechado dos homens, e há uma certa liberdade. Mas quando os homens entram no “mundo real”, eles precisam preservar uma certa imagem. Pedro veste-se, então, em seu padrão de masculinidade, independente dos motivos (por respeito, por cumprir os padrões por haver outras pessoas na praia, seja porque for).
- Por isso, pode ser um sinal de liberdade. Um homem que não tem problemas em ficar nu na frente de outros homens.
- É, mas pode haver mais simbologia nisso. Roupas é sinal de poder. No “lava-pés”, em João 13, Jesus também vestiu a roupa, símbolo de poder, mas vestiu o avental do poder-serviço. Pedro não entendeu, primeiro não quis participar, não queria admitir que Jesus lavasse seus pés. Mas depois quis privilégios, quis que Jesus lavasse todo o seu corpo. Agora, ao vestir a roupa, também busca o poder, ele continua não entendendo.
- Ele também deve ter visto que tinha mais gente na praia, talvez mulheres, e ele não ia para lá nu.
- Eu acho que também tem uma questão de autoridade. Simbolicamente isso também é interpretado assim. Ele põe a roupa para ir ao encontro de Jesus.
- Há uma relação forte entre a vestimenta e o poder. A roupa pode expressar isso. Quando eu celebrei uma vez sem túnica e sem estola eu me senti como se eu estivesse pelado. Até pensei que isso era besteira, mas a roupa me dava uma autoridade e uma identidade muito forte.
- Também é preciso lembrar que o que está em jogo no texto é a disputa entre as comunidades petrinhas e as comunidades do Discípulo Amado. Estas últimas já tinham sido absorvidas pelas primeiras. E essa passagem mostra que, quando você está em disputa, você não pode se mostrar de peito aberto.
- Mas o texto também mostra que o Discípulo Amado tem muita intimidade com Jesus, e Pedro parece não ter essa mesma intimidade.
- Inclusive fala que o Discípulo Amado deita a cabeça no peito de Jesus. Imaginem um de nós deitar a cabeça no peito do outro!
- Acho que esta é uma diferença entre os homens gays. Entre os homens gays, essa coisa de deitar a cabeça no peito do outro, fazer um cafuné, até pegar na mão, acontece sem maiores problemas.

O amor entre homens

- No texto é muito evidente a tensão entre o amor, o afeto e a disputa de poder.
- É, Jesus é o sujeito do amor, pois se diz “o discípulo a quem Jesus amava”. E é exatamente aquele a quem Jesus ama o responsável, no Evangelho de João, a fazer a ligação entre Pedro e Jesus. Pedro não consegue se aproximar do mestre. Na mesa (João 13), isso já tinha acontecido. A mesma coisa se deu na

sala de tortura, “o outro discípulo”, provavelmente o que Jesus amava, fez a intermediação para que Pedro pudesse entrar (João 18,15-16).

- E a tensão também é explícita no cap. 20, depois que Maria Madalena correu e contou a Pedro e ao Discípulo Amado que Jesus não estava no túmulo. Os dois corriam juntos, mas o Discípulo Amado correu mais, o amor chegou primeiro. E o texto, que é escrito na ótica do Discípulo Amado, diz que este entrou e acreditou. Mas cala-se a respeito de Pedro, diz apenas que ele entrou e viu os panos no chão.
- Tem mais um detalhe nesse texto: parece que mesmo chegando antes, o Discípulo Amado espera a autoridade de Pedro para poder entrar.
- Pedro é a autoridade. Os outros homens, na comunidade, não tinham o poder de Pedro.
- E como será que os outros homens se sentem diante deste poder superior de Pedro? Eles estão abaixo dele.
- Às vezes, pensamos que ser homem já é ter poder. Mas o poder é algo que circula e, mesmo entre os homens, nem todos têm o mesmo poder.
- E o poder que não tem o amor como critério, como algo que lubrifique todas as relações, não faz nenhum sentido para a comunidade do Discípulo Amado.
- Parece que é por essa razão que, na seqüência do cap. 21, Jesus começa a interrogar a Pedro. Se antes se diz que Jesus é que amava o Discípulo, aqui Jesus inverte e pergunta se Pedro o ama. E Jesus faz a mesma pergunta por três vezes, para mostrar que o poder tem que estar baseado no amor.
- Mas chega até a ser estranho, tanto que na última vez é dito que Pedro “entristeceu-se”. Não sei exatamente o que se quer dizer com isso, talvez que Pedro acha que Jesus não acredita no seu amor. Mas também pode ser que ele se sentiu meio mal com essa insistência. Dizer que se ama um outro homem já pode ser difícil, mas repetir isso três vezes?! Pode até pegar mal.
- Aqui, no Rio Grande do Sul, Jesus provavelmente não teria perguntado “Pedro, você me ama?”, mas “Pedro, tu me respeitas?”
- Tem outra coisa: pelo menos nas duas primeiras perguntas, Jesus usa o verbo *agapáo*. E Pedro responde com o verbo *fileo*. É como se Jesus perguntasse: “Pedro, tu me amas de verdade?”, e Pedro respondesse: “Ah, mestre, você é um cara legal, você sabe que a gente se dá bem”. Parece que Pedro não quer admitir o seu amor por Jesus. Pedro apenas diz que vê a Jesus como a um amigo, como a um irmão. Mas isso de amar mesmo, isso não era com Pedro não! Essa é outra diferença entre Pedro e o Discípulo Amado. Este último é amado (*agapáo*) por Jesus. Jesus, sim, é sujeito do amor que pede a Pedro, mas Pedro não consegue entender o pedido de Jesus.
- No final dessa conversa Jesus pede a Pedro: “Apascenta meus cordeiros ou minhas ovelhas”. É uma forma de insistir para que o poder, representado por Pedro, baseie-se no cuidado, com carinho.

- Acho que ao colocar Jesus insistindo nisso, a comunidade que está por trás do evangelho de João também está fazendo uma denúncia: no final do primeiro século ou no início do segundo, as autoridades representadas por Pedro já estão sendo truculentas e não mais “apascentando o rebanho”.
- Nos v. 20 e 21 torna-se mais explícito o ciúme de Pedro para com o Discípulo Amado.
- Ciúme ou inveja? Ou as duas coisas?
- É ciúme entre os homens, na disputa pelo poder. Pedro, além de querer ter o poder consolidado, quer ter a certeza de que não terá este poder ameaçado por ninguém.
- É, nós sempre dizemos que as mulheres têm ciúmes, temos dificuldade de admitir este sentimento em nós. Também porque admitir o ciúme é reconhecer a própria inferioridade. Significa que se quer ser ou ter algo do outro.
- E quem disse que entre homens não têm fofoca? É um tal de um fala para o outro, que pergunta sobre o outro, que quer saber tudo.
- Onde eu trabalho tem quase só homens, e a fofoca rola solta.
- Mas também quando a gente lê um texto como esse, às vezes, a gente nem pára para pensar nessas coisas de ciúme, fofoca... Acho que essa coisa da competição pelo poder é tão normal entre homens que a gente acaba achando normal também. Afinal, “os homens fazem isso mesmo!” Quando a gente vê Pedro competindo aqui com o Discípulo Amado, pelo amor de Jesus e, levado em conta o contexto, pela autoridade nas comunidades que se formaram depois, a gente acha que é só uma forma de mostrar como Pedro saiu, é claro, o vitorioso. A gente precisa ver que nas nossas relações também agimos assim e precisamos nos questionar.
- Uma das coisas que a gente não falou também é que esse texto é muito usado para fazer comentários sobre a sexualidade de outros homens.
- É, eu lembro que no seminário, quando se queria dizer que alguém era homossexual se dizia que ele era “o discípulo amado”.
- Só que também não se fala disso de uma maneira séria. É sempre usado para zombar. Não se pergunta qual era, realmente, a relação entre Jesus e o Discípulo Amado. Aí também entra a questão de como nós lemos o texto, com que pré-conceitos. Um homem gay lendo este texto não vai ter dificuldade de identificar uma relação homoerótica. Na verdade Pedro parece fazer parte deste triângulo e por isso todas as suas aventuras nesse texto.
- Engraçado esse negócio dos homens se amarem e se tratarem bem, é difícil de ser aceito. Tem até um ditado que diz que quem se torna muito amigo seu acaba “puxando o seu tapete”. É preciso manter uma distância segura. Para nós homens, é difícil admitir relações de intimidade verdadeira entre nós.

- E também entre as mulheres e os homens. Há quem diga que entre uma mulher e um homem não há amizade, sempre há um “caso”.

A decadência masculina

- A fala de Jesus a Pedro no v. 18, mexe num ponto crucial: Pedro não vai mais poder se vestir sozinho, terá que ser conduzido por outras mãos, ser levado para onde não quer ir. É a decadência desse modelo de masculinidade!
- É o que é mais difícil de ser aceito por nós homens, sermos conduzidos e guiados por outros. Será que é mais fácil para as mulheres aceitar isso?
- Quando nós vivemos a vida inteira competindo e mostrando que somos fortes, chega o momento em que temos de abrir mão disso, e isso é como se deixássemos de ser homens.
- Acho que isso tudo tem a ver com o dado de que nós homens morremos mais cedo e, quando ficamos velhos e estamos sozinhos, não duramos muito. Precisamos estar sempre no controle.
- Mas se nós começarmos a discutir nossas relações, entre nós homens e entre nós, mulheres e homens, talvez nós desenvolvamos uma identidade mais saudável. Para isso, é preciso que caia mesmo por terra esse modelo de masculinidade. Pois a masculinidade na qual fomos educados nos impede de sermos livres e criativos nas relações com as pessoas.

Pois é, paramos por aí no bate-papo. E ao final, descobrimos uma coincidência interessante: éramos sete homens conversando (Lourenço, Gerson, André, Yoimel, Edmilson, Ildo e Jones). Todos com nomes, todos éramos homens desnudando os nossos sentimentos. Foi bom, vamos continuar!

André Sidnei Musskopf
Rua Antunes Ribas
93030-250 São Leopoldo, RS
asmusskopf@hotmail.com

Edmilson Schinelo
Rua Jaime Biz 211
Scharlau
93160-600 São Leopoldo, RS
schinelo@terra.com.br